

## CAPÍTULO 1

Naquele dia, ir dar um passeio estava fora de questão. Na verdade, naquela mesma manhã, tínhamos andado durante uma hora a deambular por entre os arbustos despidos de folhas, todavia, desde o jantar (quando não tínhamos companhia, Mrs. Reed jantava cedo), o vento frio da invernia arrastara atrás de si umas nuvens tão negras e uma chuva tão forte, que a possibilidade de continuar a fazer exercício ao ar livre estava agora completamente arredada.

Para mim, foi um alívio: nunca gostei de longos passeios, sobretudo em tardes gélidas, e o que mais abominava era o regresso a casa à hora fria e húmida do crepúsculo, a sentir os dedos dos pés e das mãos enregelados, o coração pesado das censuras da Bessie, a ama, e o orgulho humilhado pela consciência da minha inferioridade física em relação à Eliza, ao John e à Georgiana Reed.

Os ditos Eliza, John e Georgiana achavam-se agora à volta da mãe na sala de estar: ela estava recostada num sofá à lareira e, rodeada dos seus queridos meninos (que, por enquanto, não discutiam nem choravam), era o retrato acabado da felicidade. A mim, ela dispensara-me de juntar ao grupo, dizendo que lamentava ver-se obrigada a manter-me à distância, mas que até que ficasse com a certeza, tanto através da Bessie como das suas próprias observações, de que eu estava firmemente empenhada em me tornar uma criança mais sociável e mais inocente, em adquirir uns modos mais cativantes e joviais — ser mais despreocupada, mais sincera, mais natural, por assim dizer —, não tinha outro remédio senão excluir-me de privilégios reservados aos meninos felizes e reconhecidos.

— O que foi que a Bessie disse que eu fiz? — indaguei eu.

— Jane, eu não gosto de gente manhosa e respondona. Para além de que não se admite que uma criança se ponha a censurar os mais velhos dessa maneira. Vê lá se se senta e, até aprender a falar como deve ser, fique calada.

Aproveitei o facto de a sala do pequeno-almoço ficar mesmo ao lado da sala de estar e escapuli-me para lá. Continha uma estante com livros. Fui logo buscar um volume, tendo o cuidado de escolher um cheio de gravuras. Fui sentar-me no vão da janela; puxei os pés para cima do banco e cruzei as pernas, como se fosse um turco; e, depois de correr o cortinado de damasco vermelho à minha volta, fiquei resguardada num duplo isolamento.

Pregas de tecido escarlate ocultavam-me a visão à direita; à esquerda, estavam as vidraças límpidas e protectoras, mas que não me separavam do dia tristonho de Novembro. De quando em vez, à medida que ia virando as páginas do meu livro, observava o aspecto daquela tarde de Inverno. Ao longe, oferecia-me um vazio pálido de nuvens e nevoeiro; mais próximo, um cenário de relva molhada e arbustos fustigados pelo temporal, a chuva incessante que caía ao desvario, empurrada pelas rajadas longas e uivantes.

Regressei ao meu livro — *Bewick's History of English Birds*<sup>6</sup> —, cujo texto numa maneira geral pouco interesse me despertava, embora houvesse algumas páginas introdutórias que, por muito criança que fosse, não podia deixar passar em branco. Tratava-se das que se referiam aos poisos predilectos das aves marinhas; dos «rochedos e promontórios isolados» habitados apenas por elas, da costa da Noruega, cravejada de ilhas desde a sua extremidade sul, de Lindenness, de Naze, do Cabo do Norte...

Onde o Oceano do Norte, em enormes turbilhões,  
Fervilha em volta das ilhas áridas e melancólicas  
Da longínqua Túlia; e as vagas do Atlântico  
Se lançam entre as tempestuosas Hébridas.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> Obra da autoria do ornitólogo inglês Thomas Bewick (1753-1828). (NT)

<sup>7</sup> Excerto do poema «The Four Seasons. Autumn», da autoria do escocês James Thomson (1700-1748). (NT)

Nem tão-pouco poderia deixar de reparar na referência às costas desabrigadas da Lapónia, da Sibéria, de Spiztbergen, da Nova Zembla, da Islândia, da Gronelândia, com «as vastas extensões da zona ártica e aquelas regiões infindas, ermas e desoladas — aquele reservatório de neve e geada, onde camadas empedernidas de gelo, resultado da acumulação de séculos de invernos, vitrificam os mais elevados cumes alpinos, circundam o pólo e concentram os múltiplos rigores do frio extremo». Eu já formara uma ideia destes reinos dum branco cadavérico: esbatidos, como todas as noções compreendidas apenas em parte que pairam vagamente nas mentes das crianças, mas duma estranheza impressionante. As palavras contidas naquelas páginas introdutórias ligavam-se às sucessivas vinhetas e davam significado ao rochedo solitário num mar de ondas e borrifos; ao barco desfeito encajado numa costa árida; à lua fria e fantasmagórica a espreitar por entre as nuvens para um navio acabado de naufragar.

Não sei dizer que sentimento assombrava o adro solitário da igreja, com a sua lápide gravada, o seu portão, as duas árvores, o horizonte baixo, cingido por um muro em ruínas e uma lua em quarto crescente acabada de nascer, assinalando o cair da noite.

Os dois navios parados num mar de calmaria, eu tomava-os por fantasmas marinhos.

O demónio agarrado ao saco que o ladrão levava às costas, passei logo à frente; era uma imagem aterrorizante.

E o mesmo se aplicava à criatura de chifres pretos empoleirada num rochedo ao largo, a perscrutar a multidão distante em volta dum patíbulo.

Cada gravura contava uma história; muitas vezes misteriosa para o meu entendimento pouco desenvolvido e para os meus sentimentos imperfeitos, contudo, extremamente interessante; tão interessante como os contos que a Bessie por vezes nos narrava, quando calhava de estar bem-disposta e, depois de trazer a tábua de engomar para junto da lareira do quarto das crianças, nos deixava sentar ao seu redor. Então, à medida que passava a ferro os folhos rendados de Mrs. Reed e frisava os debruns da sua touca de dormir, alimentava a nossa atenção ansiosa com citações de amor e aventura retiradas de antigos contos de fadas e de

baladas ou (como eu mais tarde viria a descobrir) com excertos de Pamela e de Henry, o conde de Moreland.<sup>8</sup>

Com *Bewick* no meu colo, estava feliz, pelo menos à minha maneira. O meu único receio era que alguém me viesse interromper, o que, infelizmente, não tardou a acontecer. A porta da sala do pequeno-almoço abriu-se.

— Bu! Madame Pateta! — gritou a voz de John Reed. Mas ficou-se por ali, pois não viu ninguém na sala.

— Onde diabo estará ela!? — continuou ele. — Lizzy! Georgie! — chamava ele pelas irmãs. — A Joan não está aqui. Vai avisar a mamã que ela fugiu para a chuva... É um animal bravio!

«Ainda bem que corri o cortinado», pensei para com os meus botões, desejando com todo o fervor que ele não descobrisse o meu esconderijo. Não que o John Reed fosse capaz de o encontrar pelos seus próprios meios: era tão fraco de vista como de entendimento. A Eliza, porém, apressou-se a espreitar pela porta e disse sem demora:

— Tenho a certeza de que ela está sentada à janela, Jack.<sup>9</sup>

E eu não tive outro remédio senão sair logo, pois tremia só de pensar que fosse o dito Jack a arrastar-me dali para fora.

— O que é que queres? — perguntei-lhes com voz de desconfiança acanhada.

— Como se diz é: «O que é que quer, Master Reed?» — foi a resposta que ele me deu. — Quero que venhas imediatamente aqui. — E, instalando-se numa poltrona, intimou-me por meio dum gesto a postar-me diante dele.

John Reed era um rapaz dos seus catorze anos que andava na escola; quatro anos mais velho que eu, uma vez que tinha dez: alto e corpulento para a idade, com uma pele encardida e doentia; feições grosseiras num rosto largo, membros pesados e pés e mãos avantajados. Tinha o hábito de se empanzinar à mesa, o que o punha irritadiço, e lhe deixava a visão turva e congestionada e as bochechas flácidas. Naquele momento, deveria estar nas aulas, mas

---

<sup>8</sup> Alusão a dois romances muito populares à época de Charlotte Brontë: *Pamela or Virtue Rewarded*, da autoria de Samuel Richardson (1689-1761) e *The History of Henry Earl of Moreland*, de Henry Brooke (1703-1783). (NT)

<sup>9</sup> Forma popular de John. (NT)

a mãe decidira tirá-lo da escola por um ou dois meses, «por causa da sua saúde delicada». Mr. Miles, o professor, afirmava que o John ficaria são como um pêro desde que lhe mandassem menos bolos e guloseimas de casa. Todavia, o seu coração de mãe apressara-se a rejeitar opinião tão severa, inclinando-se, ao invés, para a ideia mais conveniente de que a tez macilenta de John se devia ao excesso de aplicação nos estudos e, eventualmente, a saudades de casa.

O John não nutria grande afecto pela mãe nem pelas irmãs, e a mim, então, tinha-me uma aversão genuína. Atormentava-me e castigava-me; não duas ou três vezes por semana, não uma ou duas vezes por dia, mas continuamente. Cada nervo meu lhe tinha medo, e cada pedaço de carne agarrada aos meus ossos tremia ao senti-lo aproximar-se. Havia momentos em que me deixava dominar completamente pelo terror que ele me infligia, pois não havia ninguém que me defendesse das suas ameaças e castigos. Os criados não queriam tomar o meu partido e, assim, ofender o jovem amo, e Mrs. Reed fazia-se de desentendida em relação ao assunto. Nunca o via a bater-me nem o ouvia a insultar-me, apesar de ele por vezes fazer ambas as coisas na presença da mãe, embora, com mais frequência, nas suas costas.

Impelida pelo hábito de obedecer ao John, acerquei-me da sua poltrona. Passou uns três minutos a deitar-me a língua de fora o mais que podia sem danificar a raiz. Eu sabia que, não tardaria, estaria a agredir-me, mas, embora receasse o golpe, entretive-me a contemplar o aspecto medonho e repulsivo daquele que se preparava para mo infligir. Talvez a minha expressão lhe tenha dado sinal disso mesmo, pois, sem demora, sem uma palavra sequer, assentou-me uma valente bofetada. Vacilei e, ao recuperar o equilíbrio, recuei um ou dois passos da poltrona.

— Toma lá pela impertinência com que respondeste à mamã há bocado — sentenciou ele —, por te teres ido esconder atrás dos cortinados e pela cara que me fizeste ainda agora, sua reles!

Habituada aos insultos do John Reed, nunca me ocorria responder-lhe; a minha preocupação era resistir ao golpe que seguramente acompanharia o insulto.

— O que é que estavas a fazer atrás dos cortinados? — interpelou-me ele.

— Estava a ler.

— Mostra-me lá o livro.

Voltei de imediato à janela a fim de o ir buscar.

— Não tens nada que andar a mexer nos nossos livros. Não passas duma protegida, como diz a mamã. Não tens dinheiro; o teu pai não te deixou um vintém. Devias era andar a pedir esmola e não morares aqui, com os filhos dum cavaleiro, como nós, a comeseres o mesmo que nós, a vestires-te às custas da nossa mamã. Eu já te ensino a não andares a remexer nas minhas estantes. Sim, porque elas são *minhas*. Esta casa pertence-me a mim, ou pertencerá, daqui a uns anos. Vai-te pôr ao pé da porta, longe do espelho e das janelas.

Eu assim fiz, sem perceber de imediato quais eram as intenções dele. Contudo, quando o vi empunhar o livro e preparar-se para mo atirar, desviei-me instintivamente para o lado com um grito de inquietação. Infelizmente, já não fui a tempo. O livro voou pelos ares, atingiu-me em cheio e eu caí, batendo com a cabeça na porta e abrindo um lenho. A ferida começou a sangrar, e senti uma dor aguda. O meu pavor esmoreceu, sendo substituído por outras emoções.

— Seu rapaz malvado e cruel! — exclamei eu. — És um autêntico assassino... és um traficante de escravos... és igual aos imperadores romanos!

Eu andara a ler a História de Roma, de Goldsmith,<sup>10</sup> e tinha uma opinião formada a respeito de Nero, Calígula e companhia, tendo estabelecido paralelos entre estes e os membros do meu círculo de relações que nunca sonhara verbalizar.

— O quê!? O quê!? — indignou-se ele. — Mas ela agora atreve-se a dizer-me coisas destas? Eliza, Georgiana, ouviram o que ela disse? Espera só até eu ir contar à mamã! Mas, primeiro...

Arremeteu direito a mim, e senti-o a agarrar-me o cabelo e o ombro. Atacara uma criatura desesperada. Não havia dúvida de que eu via nele um tirano, um assassino. Senti umas gotas de sangue a escorrerem-me da cabeça para o pescoço e fui dominada por um sofrimento atroz. Com estas sensações a predominar momentaneamente sobre o medo, recebi-o em estado de desvario. Não sei

---

<sup>10</sup> Conhecida por *Dr. Goldsmith's History of Rome*, esta obra foi escrita por Oliver Goldsmith (1728-1774) em 1769, autor que também era romancista, dramaturgo, poeta e ensaísta. (NT)

ao certo o que foi que fiz com as mãos, mas ouvi-o a insultar-me: «Reles! Reles!» e berrar a plenos pulmões. A ajuda não tardou: a Eliza e a Georgiana correram a chamar Mrs. Reed, que tinha ido para o piso superior. Chegou então à sala, com a Bessie e Abbot, a criada dela, a reboque. Separaram-nos, e eu ouvi dizerem-me:

— Ora, mas que vem a ser isto?! A atirar-se ao Master John como uma desvairada!

— Mas onde é que já se viu uma fúria destas!?

Foi então que Mrs. Reed acrescentou:

— Levem-na para o quarto vermelho e tranquem-na lá dentro. — Quatro mãos precipitaram-se de imediato sobre mim e fui levada lá para cima.